

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Agosto de 1984

Nº. 8

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

EUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

RELOJOARIA SCHWABE

PAUL FRITZ KUEHNRIECH

CASAS BUERGER

IMOBILIÁRIA D. L.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Agosto de 1984

Nº. 8

SUMÁRIO

	Página
A luta pela preservação da memória histórica	226
Figuras do Passado	227
Revista EUROPA promove Blumenau	228
Cinema em Blumenau	229
Arquivo Histórico de Joinville	232
Relatório de perdas e danos da Fundação "Casa Dr. Blumenau" na enchente de agosto de 1984.	233
Autores Catarinenses	234
Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwartz	235
"As magnificas cordas de Blumenau"	238
Implantação da Rede Ferroviária em Joinville em 1906	240
Apontamentos sobre os índios	241
Cumprimentos pela reabertura do Museu	244
A 1ª. Festa do Imigrante Alemão repercute na Europa	245
A História de Blumenau revela:	247
A Imperial Estrada Dona Francisca	249
Aconteceu...	254

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 500,00 -- Atrasado Cr\$ 750,00

Assinaturas p/o exterior Cr\$ 8.000,00 mais o porte Cr\$ 3.000,00 total Cr\$ 11.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A luta pela preservação da memória histórica

Albany manifesta-se solidária ao nosso apelo e garante parte da construção do prédio que abrigará a Biblioteca e o Arquivo Histórico

Sensibilizados pelo apelo formulado pelo diretor-executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", a exemplo do que aconteceu com a firma Tabacos Brasileiros Ltda. (restauração das casas do museu), os dirigentes da conceituada indústria ALBANY INTERNATINAL IND. E COM. LTDA., com filial em Blumenau decidiram atender ao apelo e confirmaram oficialmente a participação da empresa na construção da obra que marcará um dos maiores avanços na preservação da memória histórica da região do Vale do Itajaí: o prédio que abrigará a Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e o Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva".

Além da presença, em recente reunião do Conselho Curador, em cuja oportunidade o Diretor Geral daquela indústria, sr. Ross Allan Parkinson informou da decisão da empresa de participar da construção, o mesmo sr. Ross Parkinson, dias mais tarde, ou seja, 26 de junho, enviou carta ao diretor executivo desta instituição, confirmando a decisão com maiores detalhes, estabelecendo inclusive a segurança que evitará defasagem dos valores e preocupando-se ademais com a futura conservação do prédio a ser construído, conforme veremos no teor da carta que passamos a transcrever:

"A
FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"
NESTA
At. Sr. José Gonçalves
Diretor Executivo

Prezados Senhores,

Agradecidos pelo seu convite e, honrados em poder participar da reunião do Conselho Curador desta fundação, realizada no último dia 25, vimos através da presente, ratificar nossos propósitos em colaborar neste grande empreendimento em prol da cultura de nossa cidade, ou seja, na construção de nova sede que abrigará o "Arquivo Histórico" e a "Biblioteca Pública".

Conforme determinado na referida reunião, deverá ser nomeada pelo Conselho Curador, uma Comissão Especial, da qual participará um representante da nossa empresa, para em conjunto, acompanharem e fiscalizarem sobre o andamento da comentada obra.

Nossa participação representará o valor equivalente e corrigido a 5.000 (cinco mil) ORTN, a ser pago em parcelas mensais, de acordo com o cronograma físico e desenvolvimento das obras, desde que aprovada pela Comissão competente.

Outrossim, conforme também mencionamos naquela ocasião, temos a intenção de colaborar futuramente, após a inauguração des-

te patrimônio histórico, na manutenção do mesmo, através de contribuição espontânea equivalente a até 700 ORTN anual, subdividida em pagamentos mensais.

Para tanto, deveremos posteriormente firmar convênio através de contrato específico.

Sendo o que se nos apresenta para a oportunidade, firmamos-nos atenciosamente,

Ross Allan Parkinson
Diretor Geral”.

Figuras do Passado

HEITOR JOBIM VIEIRA FERRAZ

Há menos de um ano faleceu nesta cidade uma figura marcante de Blumenau, o benquisto e sempre solícito cidadão blumenauense, HEITOR JOBIM VIEIRA FERRAZ. Nascido em 22 de Outubro de 1907, era filho do engenheiro Rodolfo Alberto Vieira Ferraz e de Marieta Jobim Ferraz. Frequentou a escola e estudou no Colégio Franciscano Santo Antônio, desta cidade. Terminados os estudos, ingressou, ainda muito moço, no serviço bancário do Banco Sul do Brasil, onde foi galgando, de degrau em degrau mais elevados postos de responsabilidade, terminando, mais tarde como gerente do referido banco. Era apreciador de boa literatura e desde os primeiros números do aparecimento de “Blumenau em Cadernos” leitor e assinante desta revista. Era casado com Erna Zinkhahn Ferraz, que hoje ocupa o cargo de Promotor Público da 3ª. Vara Cível da Comarca de Florianópolis. Heitor foi também um entusiasta do esporte. Juntamente com André Sada, Mário Sada e outros, foi um dos primeiros jogadores quando fundado o antigo Palmeiras Futebol Clube de Blumenau. Veio a falecer nesta cidade, no dia 18 de Novembro de 1983, com a idade de 76 anos.

Sobre seu pai, Engenheiro Rodolfo Ferraz, “Blumenau em Cadernos” já publicou extensa biografia, à páginas 116 a 118, do Tomo III, Nº. 6 de Junho de 1960.

Frederico Kilian

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Revista EUROPA promove Blumenau

(Alfredo Wilhelm)

O prefeito Dr. Dalto dos Reis acaba de receber três exemplares da revista EUROPA. Este órgão — internacional e independente — para a economia, a política e a cultura, é editado mensalmente em Munique, capital da Baviera, na República Federal da Alemanha.

Em sua edição de maio de 1984, a revista publica um importante artigo sobre a nossa cidade de Blumenau. Ocupando uma página inteira e sob a manchete "sui generis" de — BLUMENAU: Ein Name, ein Mann, eine Stadt. — BLUMENAU: **Um nome** (campo de flores), **um homem** (Dr. H. Blumenau), **uma cidade** (Blumenau/SC), fala da fundação de nossa cidade, do seu fundador Dr. H. Blumenau, de sua economia e cultura e do ano de 1983, com as suas enchentes catastróficas.

A publicação deste artigo devemos a uma gentileza da prefeitura de Weingarten — cidade situada ao sul da República Federal da Alemanha, perto do "Bodensee" (Lago Constança).

Desde 1975 Blumenau mantém com aquela cidade amiga um parcerismo de bandeiras. Muitos são os cidadãos de Weingarten que já estiveram em visita à nossa cidade e muitos blumenauenses já passaram por aquela cidade alemã. Assim estiveram em Weingarten, em 1975 — a convite da prefeitura local — o ex-prefeito de Blumenau Dr. Félix Theiss, o jornalista José Gonçalves e Alfredo Wilhelm. Em 1983, Weingarten foi visitada pelo prefeito Dr. Dalto dos Reis e pelo Secre-

tário de Turismo Antônio Pedro Nunes.

Motivado por esta visita e pelo apoio do inesquecível e incansável professor Germano, a cidade de Weingarten conseguiu angariar 39 mil marcos de ajuda para a nossa cidade, doação esta (ca. de 20 milhões de cruzeiros), que foi distribuída entre a prefeitura, a igreja católica e a igreja evangélica de Blumenau.

Em correspondência recebida recentemente do vice-prefeito de Weingarten, o "Buergermeister" Muller diz o seguinte:

"Prezado senhor "Oberbuergermeister" Dr. Dalto dos Reis.

No domingo passado tivemos aqui eleições — secretas e diretas — para prefeito de nossa cidade. — É com satisfação que posso lhe comunicar, que o nosso Oberbuergermeister Rolf Gerich, foi reeleito com 91,8% de todos os votos participantes. É isto uma grande prova de confiança e uma sólida base para os próximos 8 anos de governo.

Certamente também o senhor deverá estar satisfeito com este resultado, pois será a garantia de continuidade das boas e louváveis ligações de amizade entre as nossas duas cidades.

Cordiais saudações

Mueller

Buergermeister

P.S.: Anexo recortes de jornais referentes aos festejos da entrega da "Bandeira da Europa" à nossa cidade e da condecoração do professor Germano Suessegger, com o "Distintivo de Honra" do Estado de Baden — Wuerttemberg".

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(do livro "Histórico-sócio-cultural-artístico de Blumenau")

ALFREDO BAUMGARTEN — filho de Hermann Baumgarten e Maria Deeke Baumgarten, nasceu em Blumenau no dia 16 de junho de 1883. Hermann Baumgarten, pai de Alfredo, foi o fundador do primeiro jornal de Blumenau, o "Blumenauer Zeitung", que começou a circular no dia 1º de janeiro de 1881. Alfredo, o filho mais velho, deveria ser o sucessor de seu pai no jornalismo, porém, com vinte anos, foi mandado para a Alemanha para se aperfeiçoar em litografia. No decorrer dos cinco anos que Alfredo permaneceu na Alemanha se interessou mais pela fotografia, e quando soube da morte de Bernhard Scheidemantel, primeiro fotógrafo de Blumenau, decidiu voltar ao Brasil. Comprou o aparelhamento dos herdeiros de Scheidemantel e se estabeleceu, criando o "Atelier Baumgarten". Na época o material usado era quase totalmente fabricado em casa. Alfredo fazia os negativos em chapas de vidro com cobertura de gelatina sensibilizada, bem como os banhos de revelação-fixador etc. Ainda existem inúmeras fotografias dessa época feitas por este processo, que estão em perfeitíssimo estado.

Alfredo casou-se com Selma Altenburg, filha de Louis Altenburg no dia 15 de março de 1909. Tiveram quatro filhos, um faleceu aos oito anos de idade. Por longos anos, Alfredo foi o único fotógrafo de Blumenau. Não havia casamento, batizado e outras festas sem Alfredo Baumgarten para eternizar o evento. Sendo o único fotógrafo suas atividades se estendiam também pelo interior da colônia.

Por volta de 1932 começou a interessar-se por filmagens. Adquiriu no Rio de Janeiro um filmador de 35 mm, que também serviu de projetor-copiador e fazer letreiros, considerando que o cinema, na época, era mudo. As filmagens eram reveladas e copiadas no seu próprio laboratório com aparelhamento feito por ele como: tear para enrolar os filmes, tambores de cobre para revelador e fixagem. Os letreiros eram meticulosamente desenhados e adaptados. As filmagens registravam na sua maior parte acontecimentos políticos e sociais e foram exibidos em todo o Brasil. Foram distribuídos pela Distribuidora de Filmes Nacionais, Sono Filmes. Mais tarde desistiu porque o trabalho além de muito mal remunerado, na maioria das vezes não rendia nada, perdendo ainda muitos filmes que a distribuidora simplesmente não devolvia. Isto por volta de 1940. Alguns anos depois deixou o "Atelier" para seu filho mais velho, aposentando-se por conta própria. Faleceu no dia 17 de novembro de 1967 aos oitenta e quatro anos de idade.

WILLY SIEVERT — nasceu em Blumenau no dia 20 de maio de 1903. Seus pais, August e Emma Sievert vieram da Alemanha com

9 e 7 anos de idade respectivamente. August faleceu aos 94 1/2 anos de idade e Emma aos 87. Casado com Victória Sievert, é um importante homem de negócios do Vale do Itají. Está sempre a testa de importantes associações comerciais, sociais e culturais, fazendo parte de grandes eventos que marcaram a nossa comunidade. Entre outras associações, Willy Sievert foi presidente da S.D.M. "Carlos Gomes" no período de 16 de maio de 1956 até 17 de abril de 1962, período em que a sociedade foi marcada por grande desenvolvimento sócio-cultural e artístico. Apesar de ser mais conhecido como homem de negócios, Willy Sievert é um grande cineasta amador. Willy Sievert começou como fotógrafo amador em 1940, fotografando todas as belas cenas e eventos que mereciam ser fixados pela fotografia. Porém, o movimento das imagens sempre o atraiu e ele adquiriu em 1952 o seu primeiro cinematógrafo - "Keystone". Atualmente possui um cinematógrafo - "Pailard Bolex". Do seu acervo particular fazem parte 62 "Jornais de Blumenau" rolos de 400" com 20 minutos de projeção. Filmes diversos de 800", contendo "Acontecimentos de Blumenau" como enchentes, Famosc, etc e ainda 60 filmes da família "Nossos Filhos". Nos filmes "Jornais de Blumenau", os conteúdos, a partir de 1952 são os seguintes: filme nº 1 - Blumenau, Regata Ipiranga, Circo "Búfalo Bill", Sétimo Céu-Encano, Baile de coroação da S.D.M. "Carlos Gomes", Porcelana Schmidt, 7 de setembro de 1952; filme nº 2 - Fortaleza, etc. 1a.Exposição Canina, 75º aniversário da Colônia Santo Antônio; filme nº 3 - H.Steiner, Ópera, Bailados Conservatório de Música; filme nº 4 - (1953) 2a.Exposição Canina, Circo Garcia, Teatro "Carlos Gomes"-bailados e bonecas vivas; filme nº 5 - Indaial, Salto Capivari, Festa de São João, Benedito Novo; filme nº 6 - Nossa Senhora de Fátima, Inauguração do Moto Club, Pau de Fita; filme nº 7 - Enchente de 1953, Explosão da Fábrica de Pólvora em Jaraguá do Sul, Ponte sobre o Rio Itoupava, Altona, Corpus Christi, Presidente Getúlio — o desfile no 50º. aniversário; filme nº. 8 — (1955) Pedra fundamental da Igreja de Altona, Desastre de trem, 7 de setembro de 1955, Dona Ema e o Dia do Colono; filme nº. 9 — Presidente Café Filho, Bonecas vivas de Gaspar; filme nº. 10 — (opereta) "Emigrante", Salto Santa Maria, Geadas de 1955, Corpus Christi e Primavera; filme nº. 11 — (1957) Desastre de ônibus — Garcia, Desfile de Misses, Desastre de avião, Coroação da Rainha do Ipiranga, "Jedermann" (peça teatral), Copa do Mundo, Jogos no Sesi, Enchente de 1957, Circo "Águia", Desastre de trem, Incêndio na Prefeitura de Blumenau; filme nº. 12 — (1958 — 1959) Festa Aquática, Zugspitzartisten (ginastas suíços) Jogos militares, Jânio Quadros, Inauguração da Ponte "Adolfo Konder", Gincana de Lambretas, 7 de setembro de 1959, Festa da Uva em Caxias do Sul; filme nº. 13 — (1960) Exposição de Orquídeas, 7 de setembro de 1960, Rodovia Jorge Lacerda, Encano, Camboriú, Concurso de pesca, Exposição Canina;

- filme nº. 14 — (1961) Cidade/Colônia, Camboriú-Festa Aquática, Centenário de Gaspar, Corpus Christi;
- filme nº. 15 — (1961) Ibirama — “25 de julho”, Enchente de 1961;
- filme nº. 16 — (1961/1962) Ilhota-rodovia, Corpo de Bombeiros, Encano — Dr. Kecherle, Natal e Papai Noel, Camboriú e Cabeçudas, Exposição Canina;
- filme nº. 17 — (1962) Sul Banco e Inco, Jogos Abertos, Exposição de Orquídeas, Natal — lojas e Papai Noel;
- filme nº. 18 — (1962) Hermes Macedo, 7 de setembro de 1962, Joinville — EFA/AJAO, Exposição H. Steiner e Erwin Teichmann, Jardim Zoológico de Pomerode;
- filme nº. 19 — (1963) Torre da Matriz, Sport-carr, Exposição Agro-Pecuária, Celso Ramos em Palmeiras, Tabajara - desfile de maiôs;
- filme nº. 20 — (1963/1964) Retorno do 23º. RI, Marcha da Família, 7 de setembro de 1963, Jardim Lischke, Exposição Canina, Cabeçudas e Camboriú;
- filme nº. 21 — Debutantes de 1963, Lincoln Gordon, Churrasco da Vitória, Corpus Christi/64, Tucano e cachorro brincando, Lançamento da pedra fundamental do Country Club, Papai Noel/1963;
- filme nº. 22 — (1964) 7 de setembro de 1964, Casa Peiter, I Feira-Itajai, Orquídeas “dendobrian”, Natal — Figuras de Disney;
- filme nº. 23 — (1965) Desfile escolar, Padre Jacobs, Folclore - Curitiba, Petroleiro “Norte” em chamas, Exposição de Orquídeas, Duas casas destruídas, Pescaria em Pomerode, Jardim Kecherle, Dia do Viajante. I Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional da Escola Superior de Guerra;
- filme nº. 24 — (1966/1967) Pequena enchente, I trote da Faculdade, Camboriú, Branca de Neve, Danças Gaúchas, Escoteiros, I Festival da Cerveja, Natal de 1966;
- filme nº. 25 — (1967) Demonstração do “Simca”, Country Club — Inauguração da piscina, II trote da Faculdade, II Exposição-Itajai, Corpus Christi, Empresa Industrial Garcia — Índios em Festa;
- filme nº. 26 — (1967) Parada de 7 de setembro, Ponte caída em Itoupava, Desmoronamento em Camboriú, III Agropec, Joinville-Fenaflor, Natal de 1967;
- filme nº. 27 — (1968) Perequê — Porto Belo, Tirolês, Camboriú — Rainha das Praias de S. Catarina, Escoteiros, Circo “Krone”, II Festival da Cerveja, Armação;
- filme nº. 28 — (1968) Taió, Nômades, Circo Aquário, Eleição Miss Santa Catarina na Famosc;
- filme nº. 29 — (1968) Festa do Aero Clube, Obras da Av. Beira Rio, Parada de 7 de setembro, Desabamento em Guaratuba, Joinville — AJAO, Empresa Industrial Garcia — II Festa Indígena;
- filme nº. 30 — (1968/1969) Desastre de 2 de setembro, Coquetel das Misses, Trajes Carnavalescos, Eleição Miss S. Catarina, Inauguração

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

do Grupo Escolar "Luiz Delfino", Camboriú, Natal nas ruas em 1969; filme n.º 31 — (1969/1970) XI Fenit (circo), Centenário de Timbó, Inauguração do primeiro trecho da Av. Beira Rio e Restaurante "Weissen Roessl", Exposição de Orquídeas de Blumenau, Natal de 1969, Desfile Hermes Macedo, Iluminação das ruas; filme n.º 32 — (1970) Praias — Gravatá e pedras de Itapema, IV Festival da Cerveja, Inaugurações: Banco do Estado, Estrutura do Forum e Palácio dos Esportes, Artex (inauguração), Curitiba, Paranaguá, Pedras a esquerda antes de Itapema; filme n.º 33 — (1970) Desastre de Volkswagen, Desabamento da Rodovia Jorge Lacerda, Coquetel — Miss Blumenau, Desfile de trajes carnavalescos em 1970, Exposição de pombos, no dia da Copa de 70; filme n.º 34 — (1970) Ginastas dinamarqueses, Fazenda Udo Schadrak, Joinville VI Famosc, 7 de setembro de 1970; filme n.º 35 — (1970) Balneário de Camboriú e o nivelamento da Av. Atlântica, S. Paulo — XIII Fenit (a última no Ibirapuera) Praça Roosevelt, Exposição na Praça da República — Show da Rhodia; filme n.º 36 — (1970) Inauguração do Banco do Estado do Paraná e do Supermercado Pfuetzenreiter, Cremer, Jogos da Primavera, Flores, Trevos, Desfile dos Comerciantes no dia 30/10, Natal de 1970 — ruas e desfile de H. Macedo:

(Continua)

Arquivo Histórico de Joinville

Com satisfação registramos e agradecemos o recebimento do Volume I, nr. 5, do Boletim Bimestral dando conta das atividades do Arquivo Histórico de Joinville, que desenvolve expressivo trabalho através de uma bem selecionada e culta equipe. No Boletim encontramos com agrado o registro do recebimento dos micro-filmes feitos em torno da coleção mais antiga existente em nosso Estado, de jornais de época da colonização alemã, como é o caso do jornal "Kolonie Zeitung" (1862-1942), num total de 31.640 fotogramas, 38 rolos de microfilmes de 36mm., com 2.300 pontos de magnificiência. Registra ainda a inauguração, dia 8 de março do corrente ano, da "Casa da Memória do Imigrante", quando foi lançado o livro "Nossos Prefeitos 1869 — 1903", da autoria de Elly Herkenhoff, que também e há muitos anos colabora nas páginas de "Blumenau em Cadernos" e que já havia lançado anteriormente o seu primeiro livro intitulado "Joinville — Ontem e Hoje", edição de 1981. O Boletim em apreço registra ainda diversas doações de documentos, inclusive de genealogias e informa sobre o trabalho de restauração de documentos, o que é muito importante. Nossos cumprimentos aos colegas joinvillenses no trabalho de preservação da memória histórica de nosso país. — A redação.

RELATÓRIO DE PERDAS E DANOS DA FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU" NA ENCHENTE DE AGOSTO DE 1984.

A grande enchente que inundou a cidade nos dias 6 a 10 de agosto de 1984, elevando as águas do Itajaí-Açu a aproximadamente 16 metros acima de seu nível normal, além de paralisação geral dos serviços causou alguns prejuízos ao patrimônio desta instituição. Quatro de suas unidades culturais (Biblioteca Pública, Museu da Família Colonial, Parque Gráfico e o Horto Florestal) foram, a exemplo do ano passado, novamente atingidos pela enchente.

Como resultado da avalanche de água, a Fundação sofreu os seguintes prejuízos:

Na BIBLIOTECA PÚBLICA DR. FRITZ MUELLER, instalada provisoriamente no prédio da Loja Maçônica Justiça e Trabalho, à Rua Alvin Schrader nº. 100, perda irreparável de duas mesas grandes para pesquisas, quatro escrivaninhas, vinte carteiras e quinze cadeiras para uso dos consultantes, um balcão de atendimento aos usuários e dois armários. Desta vez, felizmente, o acervo bibliográfico ficou incólume.

No PARQUE GRÁFICO os prejuízos foram poucos. As máquinas de compor (Lino-tipo) e imprimir tiveram suas instalações elétricas abaladas com prejuízos da ordem aproximada de cem mil cruzeiros. Os demais elementos que compõem a Gráfica (caixas de tipos, papel, tinta, etc.) foram salvos a tempo. Graças a contribuição financeira de algumas empresas blumenauenses que socorreram a Gráfica na enchente de julho do ano passado, todo o material danificado na enchente deste mês de agosto já pode ser repostado, garantindo com isto a circulação mensal da revista "Blumenau em Cadernos". Já no dia 14 de agosto a Gráfica reiniciava suas atividades normais.

No MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL todo o acervo foi salvo das águas. Apenas as duas casas que abrigam o Museu terão que ser pintadas, sendo que o compromisso da pintura foi prontamente assumido pela empresa Tabacos Brasileiros Ltda., responsável, quando da enchente do ano passado, pela completa restauração do Museu da Família Colonial.

O ARQUIVO HISTÓRICO PROF. JOSÉ FERREIRA DA SILVA, sediado provisoriamente nas antigas instalações da Câmara de Vereadores, não foi atingido pelas águas.

O HORTO FLORESTAL EDITH GAERTNER foi o que recebeu maior carga d'água. Todo o lodaçal deixado pela enchente está sendo removido pelos funcionários da Fundação.

Os prejuízos causados à Fundação "Casa Dr. Blumenau" poderiam assumir conseqüências e proporções maiores e mais desastrosas não fosse a dedicação, o carinho e o empenho de seus funcionários que tudo fizeram para preservar este importante centro de difusão cultural.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Novos livros de autores catarinenses estão sempre surgindo no corrente ano. Na poesia, no conto, no romance, na literatura infantil, diversos são os lançamentos que merecem ser registrados.

Maura de Senna Pereira, poeta das mais conhecidas, acaba de publicar "Poemas-Estórias" (Editora Achiamé — Rio — 1984), onde reuniu inúmeros poemas recentes. Deles emergem, em primeiro plano, as ligações da autora com sua terra natal, apesar de uma ausência prolongada, como fonte de permanente inspiração. São reminiscências pessoais e familiares, preocupações com as coisas catarinenses, evocações de lugares, situações e pessoas que marcaram sua sensibilidade e que agora se revestem em versos em que a experiência e a inspiração se unem na criação de autêntica poesia. É uma obra que vem reforçar a produção já considerável desta escritora catarinense que, embora mais conhecida como poeta, muito também tem escrito em prosa.

Um dos poucos romancistas catarinenses, A. Sanford de Vasconcellos acaba de lançar "Ave, selva" (Editora Lunardelli — Florianópolis — 1984), seu novo romance. É sua quarta obra no gênero, precedida que foi de "O homem da madrugada", "Carrossei"

e "Cavalo voa ou flutua?", revelando que o autor tem o fôlego dos verdadeiros romancistas e que aí irá conquistar um lugar destacado nas nossas letras. Evoluindo de livro para livro, ele aqui se mostra um autor maduro, despojado de artificialismos, escrevendo com fluência e de forma livre e direta. Seu texto prende o leitor. Eis aí um autor que está a merecer um estudo mais completo dos nossos críticos.

Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks, conhecida autora de livros para crianças, está publicando novas edições de livros desse gênero em que se notabilizou. Trata-se de "Um amigo muito especial", cujo lançamento ocorreu em 1981 e que agora aparece em quarta edição, e "uma família tão comum", que veio a lume no ano passado e que agora surge em segunda edição. Ambos são publicados pela Brasiliense, o que lhes garante distribuição e divulgação nacionais. Com a incessante produção da autora, os leitores do Estado e agora de todo o país, contam com novos títulos, sempre de boa qualidade, para enriquecer sua estante.

Registro ainda "O sétimo dia" (Editora Ribeiro — Criciúma — 1984), coletânea de contos de Artêmio Zanon e sobre o qual fizemos um comentário anteriormente publicado neste mesmo local.

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE

PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Quarta-feira, 18 de fevereiro de 1864

Mal a manhã clareava já chegavam inúmeros barcos ao nosso vapor. Em um desses colocamos, o suíço e eu, nossa bagagem, e lá fomos ao encontro da bela terra. Lá chegados encontramos um hoteleiro alemão que nos recomendou o seu Hotel e seguimos para lá. Ai chegados arrumamos nosso vestuário um pouco e fizemos depois um pequeno passeio pela cidade. Esta cidade, verdadeiramente chamada Desterro, situa-se numa pequena planície da ilha de Sta. Catarina, perto do mar e tem logo nas costas dois altos morros; diante dela, talvez mil braças distante, vê-se o continente com seus gigantescos morros e lá também, numa pequena planície, exatamente diante da cidade Desterro, vê-se entre o verde das árvores as belas casinhas brancas da cidadezinha S. José.

Quinta-feira, 19 de fevereiro, 1864

Ontem mesmo, (o suíço, que era um amante da natureza, igual a mim, teve a idéia) tínhamos formado o plano de subir o morro mais alto da ilha, o chamado Morro da Bandeira, do qual os navios são sinalizados e do qual, segundo os alemães desta cidade me garantiram, tem-se uma vista magnífica; nós nos pusemos a caminhar bem cedo para conseguir subir ainda antes do maior calor. Precisamos, para a subida do morro, uma boa hora, mas para este pequeno esforço fomos magnificamente recompensados. Não longe do cume do morro, o mesmo forma alguns terraços, nos quais notamos algumas cabanas cercadas de touceiras de bananas. Finalmente chegamos ao cume, onde vimos uma pequena casinha de cimento, que é a casa da guarda e na qual sempre se encontra um soldado, que sinaliza os navios que chegam, por meio de diversas bandeiras nacionais, posto o que o respectivo cônsul, a cuja nação pertence o navio que chega, também deixa tremular a bandeira do seu país em sua residência.

O soldado que nós encontramos era um brasileiro bem simpático, que colocou à nossa disposição sua luneta. Mas também sem esta a vista que gosávamos estava tão além de nossa expectativa, que nós, pelo inesperado, não encontrávamos palavras, para agradecer. A bela cidade, com o porto, estava embaixo, aos nossos pés, com suas simpáticas casas e as torres das igrejas, com belos jardins, palmeiras e bananeiras. Víamos o porto com seus belos navios e tudo, desta altura, era tão pequeno que parecia uma pintura.

À direita viam-se diversas línguas de terra que da ilha se estendiam para dentro do mar e entre elas pequenas ilhas, todas cobertas com o verde mais fresco e uma e outra casinha branca brilhava de dentro dele.

Um navio a todas as velas appareceu naquele instante entre os grupos de ilhas, em direção ao porto e nós reconhecemos através da luneta a bandeira americana. O soldado hasteou immediatamente a bandeira dos Estados Unidos no mastro.

Olhando para o lado atrás de nós, via-se um grande vale pantanoso, através do qual serpenteava um riacho, que estava coberto inteiramente por capim, mas era desabitado. Em volta deste estendiam-se altos morros que fechavam a vista para o interior da ilha. Conforme fomos informados, lá existem significativas plantações.

Por longo tempo ainda admiramos as magnificas paisagens e nunca esqueceremos a impressão que esta sublime visão causou em nós.

Iniciamos finalmente a caminhada de volta. Gratificamos o soldado, com agradecimento pela sua boa vontade, retornamos à pensão. O calor tornou-se tão forte quanto o de ontem e assim resolvemos, ao anoitecer, nos refrescarmos com um banho de mar. Andamos um pedaço para fora da cidade, na praia e achamos um local adequado, onde o mar era raso um bom trecho para dentro. Maravilhosamente nos refrescou a corrente salgada e nós nos deixávamos trazer pelas ondas até a praia.

Quando chegamos na pensão appareceu um jovem, o qual eu já havia notado na "Table d'hote" que me perguntou, para meu assombro: — "Seu nome não é Paul Schwartzer?" — "Sim", respondi — "E o senhor está vindo de Rio Grande e quer viajar para Dona Francisca para junto de seus pais,". — "É tudo como o senhor está dizendo, mas de onde o senhor sabe isto e como soube o meu nome?" — "Seu nome aqui ninguém me falou, mas eu o reconheci imediatamente quando o vi à mesa, porque eu vi seu "Portrait" com seus pais em Dona Francisca. Parti de Hamburgo com os mesmos num navio e deixei há alguns dias Dona Francisca, onde eu ainda soube de seus pais que eles, nos próximos dias deverão chegar aqui, com uma escuna, para então daqui viajar para Rio Grande". Eu estava inicialmente bem consternado por esta notícia e não sabia o que deveria fazer agora. E estava convicto de que meus pais estavam ainda em Dona Francisca e nesta creança eu parti de Rio Grande e estava esperando o próximo vapor para São Francisco, que só partiria em 10 dias, afim de viajar até lá e agora eu descubro que meus pais já estavam em viagem para cá. Mas aqui, para meu pai, que é marceneiro, há poucas possibilidades, pois cá já se encontram muitos marceneiros.

Porém me consolei logo sobre isto e pensei: quando eles estiverem aqui, poderemos combinar acerca disto. Fui portanto logo para o porto a fim de me informar se um navio de Dona Francisca chegara; soube que ainda não havia chegado nenhum de lá. Informei-me então sobre o bem-estar de meus pais e irmãs eu soube do jovem que todos estavam bem e lhes agradava viver no Brasil.

Também soube que o meu fiel "Amor" os acompanhou na viagem e pisaram em terras brasileiras bem dispostos.

Sexta-feira, 20 de fevereiro de 1864

Fizemos hoje novamente alguns passeios pequenos e informei-me de muitas maneiras em relação a meu pai, recebendo a resposta em uma oficina de marcenaria que ele conseguirá ocupação por enquanto. Também esforcei bastante para obter uma colocação nas lojas locais, mas em vão.

À tarde fomos novamente a um lugar para banho na praia e divertimo-nos nas ondas saltitantes. Depois de voltar para a cidade informei-me novamente no porto pelo navio de Dona Francisca, mas ainda não havia chegado.

Dia do encontro

Sábado, 21 de fevereiro de 1864

Logo após o almoço veio até mim, no Hotel, um velho suíço, que também possuía uma pensão e a quem eu já conhecia, e que disse: — “O senhor não tem seus pais em Dona Francisca?” Eu confirmei, e ele perguntou adiante: — “E o senhor está vindo de Rio Grande?” Respondi novamente com “Sim” e assim ele me explicou então que meus pais haviam chegado na noite anterior, e estavam alojados com ele e me convidou para acompanhá-lo. Pus-me logo à caminho e o jovem de quem eu recebera a notícia de que meus pais partiriam de Dona Francisca, acompanhou-me.

Quando cheguei na rua em que ficava situado o Hotel daquele homem, apareceram minhas duas irmãs e correram ao meu encontro.

Isto foi uma grande alegria. Aí deram-me abraços e perguntas!

Em triunfo fui levado para dentro de casa onde também papai e mamãe vieram ao meu encontro e agora deu-se a mesma cena, os mesmos abraços e perguntas e a mesma alegria! Agora nós estávamos, após uma separação de quase 18 meses, novamente reunidos.

Com que facilidade poderia ter acontecido que nós passássemos no mar um pelo outro e meus pais fossem para Rio Grande e eu para Dona Francisca! Então ambos teriam gasto muito dinheiro em viajar e finalmente estaríamos novamente tão longe do nosso objetivo como antes!

Só aos milagrosos desígnios de Deus nós devemos agradecer um encontro tão feliz!

Após ter contado a história das minhas aventuras, contaram então meus pais da sua viagem para cá. Eles dirigiram-se ao Sr. Foerster, em Hamburgo, e o procuraram para arranjar um navio para Rio Grande. Ele informara-se e somente soube que para Rio Grande no mês de outubro não estava determinado nenhum navio. Entretanto lhe disseram os armadores Donati e Cia. que no início de outubro seria expedido um navio para Dona Francisca, mas para Rio Grande só no início do ano seguinte; que também seria muito fácil ir de Dona Francisca para Rio Grande, já que a distância entre as duas localidades era bem pequena e por mar meus pais poderiam, com cerca de 12 mil réis, chegar a Porto Alegre e de lá seriam somente 2 milhas alemãs em estradas carroçáveis até São Lourenço. Isto o Sr. Foerster teria relatado para meus pais em Brieg e estes o tomaram como

verdadeiro. Enviaram a seguir ao Sr. Foerster, para Donati e Cia., em Hamburgo, 40 mil réis em adiantamento, para o navio Raleigh, que velejaria em outubro para Dona Francisca. O Sr. Foerster também arranjou um quarto e um Hotel para meus pais. Quando meus pais chegaram em Hamburgo e já se achavam a bordo do Raleigh, soube Foerster que em 2 dias velejaria um navio para Rio Grande, o mesmo que trouxe os últimos imigrantes para São Lourenço, antes de minha partida. Ele não havia ouvido nada até aí deste navio, que fora expedido pelo Agentes Mühlberg e Cia. e foi surpreendido por isso de maneira bem desagradável. Ele disse a meus pais que se nesse navio ainda houvesse lugares ele abriria mão dos 40 Taler de adiantamento.

Agora não era mais possível uma mudança. Por isso o Sr. Foerster escreveu para mim em São Lourenço, dizendo que eu deveria fazer o possível para proporcionar a meus pais a viagem até lá.

Meus pais portanto partiram com o Raleigh de Hamburgo e tiveram uma viagem feliz; porém a companhia a bordo não era agradável. No Natal de 1863 eles chegaram no porto de São Francisco e foram transportados por meio de botes até Dona Francisca.

(Continua)

“As magníficas cordas de Blumenau”

Subordinado ao título acima, o crítico de arte musical João Marcos Coelho, publicou à página nr. 37 do jornal “Folha de São Paulo”, edição do dia 20 de abril último, o trabalho de crítica envolvendo a Orquestra de Câmara de Blumenau. Pela magnitude deste trabalho, pelo ato de justiça ao desempenho, à dedicação e à formação cultural musical que envolve os músicos blumenauenses que integram aquela orquestra, passamos a transcrever aquela nota na íntegra, como um registro que há de passar para a história de Blumenau, como tantos outros já foram registrados e como homenagem e incentivo àquelles que, ainda em formação na nossa Escola Superior de Música, sintam-se ainda mais entusiasmados e dediquem-se profundamen-

te aos estudos e ensaios para amanhã poderem integrar a mesma orquestra e receber as mesmas elogiosas referências de que são alvo hoje os que já a integram. Eis o texto da nota:

“1983 marcou profundamente o sul do país: a tragédia das enchentes quase destruiu cidades inteiras. Mas foi numa destas cidades — em que parte do acervo da biblioteca pública, por exemplo, foi levado pela águas para as ruas, sendo irremediavelmente destruído — que o ano também ficou marcado como o da ascensão definitiva da Orquestra de Câmara de Blumenau. Indústria e comércio locais, a própria comunidade, enfim, uniu-se para a reconstrução da cidade.

Mas a orquestra — que acompanhou, em São Paulo, em nível

excepcional, o flautista Jean-Pierre Rampal no Teatro Cultura Artística no ano passado — não sofreu interrupção em suas atividades. Pelo contrário, intensificou ensaios e apresentações, a fim de agora apresentar ao país seu primeiro LP, gravado no Teatro Carlos Gomes de Blumenau.

Algumas figuras-chaves são determinantes para resultados auspiciosos. Norton Morozowicz, por exemplo, seu regente, é primeiro flautista da Orquestra Sinfônica Brasileira e uma revelação como maestro. De igual modo, o "spalla" Paulo Bosísio é, inegavelmente, um dos mais completos violinistas brasileiros. Outros nomes, como o viola George Kiszeli e o celista Zygmunt Kubala, são enxertados, mas o importante é que o restante de seus integrantes atua na própria Blumenau — alunos e professores da Escola Superior de Música ou então em Curitiba.

O trabalho de três anos de intensa dedicação e profissionalismo está condensado neste belíssimo disco. De um lado, uma gravação ao vivo no Teatro Carlos Gomes, com a suite "Don Quixote" de Telemann, o mais influente compositor alemão contemporâneo de Johann Sebastian Bach, então considerado apenas um grande instrumentista; e o "Concerto para Dois Violoncelos", de Vivaldi. Num e noutro, interpretações de nível internacional, plenamente integradas à concepção barroca — sem jamais escorregar nas "facilidades" tão frequentes nesses compositores. Destaque para os cellos de Zygmunt Kubala e Maria Alice Brandão.

A maior surpresa, no entan-

to, fica reservada para o outro lado, preenchido só com música brasileira de concerto e gravado no mesmo teatro, porém sem público. Não tenho conhecimento de interpretação tão adequada da "Serenata" e "Adagio" para cordas de Alberto Nepomuceno. Dono de um metiê extraordinário, o compositor constrói uma peça despretenciosa com um tema envolvente, sob uma escrita absolutamente eficiente para o conjunto de arcos. Afinação e sonoridade transparente fazem, sem dúvida, da "Serenata" e do "Adagio", pratos de resistência deste magnífico LP, patrocinado pela Companhia Internacional de Seguros, que precisa, urgentemente, ir às lojas no circuito comercial.

A delicadeza de escrita de Henrique Oswald comparece em outra "Serenata", ficando com o paranaense Bento Mossurunga (1879-1970) o toque deliberadamente arcaico da gravação, num "minueto" de circunstância. Outro paranaense, Henrique de Curitiba — que está completando 50 anos em 1984 —, assina "Poema Sonoro", composição de 1978 que transita num universo claramente hindemitheano: tonalidade expandida, nova lógica no encadeamento de acordes, manutenção do padrão melodia/acompanhamento combinados com sábia escrita para cordas.

Gravação mais variada, impossível. E em todas as peças, um nível de interpretação raro, em termos de Brasil. Esta é a Orquestra de Câmara de Blumenau, tão refinada em disco quanto em concertos. Importante: integralmente sustentada pela iniciativa privada, sem nenhuma interferência do Estado."

Implantação da Rede Ferroviária em Joinville em 1906

Na edição de março, publicamos um trabalho com o título acima, de autoria da estudante joinvillense Sueli Garcia. Em meados de abril recebemos uma carta, cuja assinatura do autor não conseguimos decifrar, mas mesmo assim, pelo valor histórico do seu conteúdo, a publicamos na íntegra, com a correção que se fazia necessário ao artigo de Sueli Garcia. Aliás, nem foi correção, mas uma importante contribuição. Como não havíamos citado o sobrenome do autor, este nos escreveu em maio e identificou-se: trata-se do nosso prezado leitor e amigo Henrique Luiz Abry, nascido em Pomerode e hoje residente no Rio de Janeiro, membro de uma das mais tradicionais e estimadas famílias que muito contribuiu no desenvolvimento desta região do Vale do Itajaí.

É assim para nós, muito agradável, na presente edição, publicar na íntegra o teor da carta que, com data de 14/05, nos enviou o prezado sr. Henrique Luiz Abry e que no seu conteúdo não deixa de representar mais uma valiosa contribuição histórica, pelo que muito agradecemos e esperamos receber outras contribuições destas para o enriquecimento cada vez maior do nosso acervo histórico. Eis o teor da carta do sr. Abry:

"Prezado sr. José Gonçalves,
Fiquei surpreso ao deparar

no Caderno de abril, em ser alvo por um simples relato sobre o assunto publicado. Não existiu crítica nem polêmica sobre o conteúdo da ótima reportagem de dona Sueli. Costumo ter respeito e acatamento às pessoas, mormente desconhecidas. Respeito para ser respeitado.

"Andei pelo Brasil, como militar, nas revoluções da época de vinte e poucos, da Bahia, pelos sertões e caatingas do Nordeste até os confins do Piauí e Maranhão. Quem não vive para servir não serve para viver. Saí de Blumenau em fins de maio de 1913 e aqui estou.

"Meu nome não difícil de ser identificado, pois ele consta do endereço dos cadernos enviados. Não devem existir muitos assinantes com o nome de Henrique.

"Estive em fevereiro aí em Blumenau e fui até a Bib'ioteca "Fritz Müller", mas era meio dia e nada feito. Depois fui a Agrolândia e não houve mais ocasião.

"Meu pai, minha mãe, meus irmãos Guilherme e Otto Abry, têm ruas com seu nome. Até em Pomerode, onde nasci, tem uma rua com o nome do meu pai. Rua onde está a Fábrica de Porcelana Schmidt.

"O Horto Florestal, naquela época, ainda não existia. A árvore, um cipreste, está firme no centro do pátio. (*)

Em 1902, 3, 4 e 5, nos dias

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

úteis da semana, (6 dias), diariamente entrei no pátio para deixar o cavalo de montaria ou o carro que nos transportava (irmãos e outros, sendo oito ao total). O Erich Gaertner era Agente da Cia. de Navegação Blumenau-Itajaí e a D^a. Edite, como dona da casa. Eu freqüentava a Neue Deutsche Schule (Escola Nova Alemã) sediada onde hoje está a Biblioteca.

Na enchente de 1911 morava na Itoupava Seca e a água não chegou a entrar na casa.

Auxílio na medida do possível, pois quem no vive para servir, não serve para viver. Daí a

máxima! Morrer é fácil, o difícil é viver.

O relatado é assunto pessoal. A proteção do nosso Pai sempre presente. Meus saudaes e um abraço do — Henrique Luiz A-bry”.

(*) — É evidente que o autor está se referindo ao pátio situado nos fundos da Biblioteca ou do Museu, local em que se acha até hoje o centenário cipreste e que representa uma sentinela a guardar o início do atual Horto Florestal “Edith Gaertner” que naquela época não era conhecido como tal.

Apontamentos sobre os índios

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Uma visita aos índios da Reserva Indígena Duque de Caxias, em 21 de abril de 1983, revelou para os alunos do magistério — curso para o qual lecionava, à época, Fundamentos de Estudos Regionais —, uma nova realidade, um novo saber.

Acostumados a vê-los nas ruas de Ibirama, a sabê-los tão próximos (a Reserva dista cerca de 40 km da cidade), a tê-los como “curiosidade”, os alunos se defrontam, pela vez primeira, com os índios **Xok'ong** num diálogo franco e simples.

As impressões da visita foram apresentadas em trabalhos e os esco'ares de 2º grau impressionaram-se com o que viram e ouviram. Das entrevistas com os líderes, o resultado foi surpreendente. O objetivo da ida à Reserva era duplamente significativo:

além da cordialidade em cumprimentá-los pelo Dia do Índio transcorrido dois dias antes, os índios constituíam assunto importante dentro da matéria que estava sendo estudada. Assim, nada melhor que constatar pessoalmente para saber sobre o tema: **índios da Reserva Indígena Duque de Caxias.**

Eis o que escreveram os alunos a respeito dos índios nos temas:

1. **Educação.** “A Reserva possui uma escola em condições precárias, cujo material é destruído pelos índios. O seu interesse ao estudo é mínimo. O máximo que eles ficam assistindo uma aula atenciosamente é por meia hora.

“Em abril de 1982 haviam 72 alunos, decaindo este número em 83 por causa da política partidária.”

“Fato importante foi que o

professor colocou o aluno de castigo, outro dia o pai do aluno quis matar o professor”.

“A escola possui um estoque de material didático mas é escondido dos índios se não eles querem utilizar tudo de uma vez”.

2. **Família.** “Quanto aos divertimentos, aos jovens a reserva nada oferece, sendo que os jovens saem, vão divertir-se na sociedade dos brancos. Por esse motivo é que atualmente estão acontecendo muitos casamentos entre brancos e índios; (...) mas para o índio isso já não é problema, pois para eles quando ocorre um caso destes é privilégio, é mais um que irá entrar na família”.

“Antigamente tudo era muito diferente no meio indígena, eram os parentes que faziam o casamento entre os jovens. Eles levavam a moça, apresentavam-na ao moço, faziam uma festa e aí já eram casados. Hoje tudo é diferente, cada qual é livre e escolhe o moço ou a moça que se interessar. É tudo igual à sociedade dos brancos”.

“O parto é feito na reserva onde a alimentação do recém-nascido é o leite materno ou dependendo do que o médico receitar”.

(Obs. na Reserva não há médico; eles procuram na cidade os serviços desse profissional, ou pelo FUNRURAL ou no Posto de Saúde).

“Para dormir cada qual tem a sua cama, para o casal, possuem cama de casal”. “Se o casal não se combina tem o direito de separação, podendo cada um se casar novamente”.

3. **Higiene.**

“Tomam banho diariamente no rio por não possuírem chuvei-

ro e também não possuem banheiro”.

“A limpeza da casa é feita diariamente”.

“Podemos ainda observar que no meio onde eles vivem não há higiene”.

4. **Alimentação.**

“A sua alimentação era apenas carne (isto antes da pacificação, em 1914) e o horário para comer era de manhã, meio-dia e noite”.

“Hoje comem feijão, mandioca, milho e pouca carne porque está muito cara”.

“Não possuem nenhuma comida que seja passada de geração em geração (isto respondendo à pergunta se eles — índios — mantinham alguma tradição na culinária).

5. **Doença.**

“Para casos de doença, ou seja a picada de cobra, costumam tomar “guiner” e isto desde os antepassados indígenas; para outras doenças procuram a farmácia ou hospital na cidade”.

6. **Religião.**

“Os índios acreditam em Deus, seguem em geral a religião crente, sendo que alguns deles ainda não tem religião.

“Os filhos dos índios não são batizados, são apenas apresentados a Deus”.

“Os índios Xokleng da reserva praticam diversas religiões, sendo que as mais comuns são católica e crente. A frequência destes na igreja é: aos domingos (católicos), terças, quintas e sábados (crentes)”.

“O batismo das crianças, antes da pacificação, era feito de tal modo: tinham um cocho, preparavam mel e diversos temperos

(erva indígena), sendo que esse mel após temperado era tomado pela criança (davam para tomar como porre). Agora o batismo mudou conforme a religião”.

7. Morte.

“Enterro antes de 1914 não havia, queimavam o corpo subitamente, quando achavam que essa pessoa estava morta, depois pegavam a cinza e a levavam para um lugar distante e guardavam dentro de um balaio como lembrança”.

“Enterram seus mortos em cemitério próprio”.

“Atualmente as doenças são as mesmas que as nossas (brancos); antigamente muitos morriam por causa da gripe, pois dava febre e eles não tinham nenhum conhecimento e iam tomar banho no rio”.

8. Trabalho.

“Os índios da Reserva vivem em péssimas condições mas isso porque eles querem, pois quase todos apresentam boa saúde e condições físicas, sendo que não trabalham por mero comodismo ou melhor dizendo, preguiça”.

“Os jovens moços não são obrigados a prestarem serviço militar, não são proibidos, podem ir, mas somente como voluntários”.

9. Tradições.

“O índio tem vergonha de ser índio. Não usam mais traje desde 1915 e em 1914 saíram do mato. Falam ainda sua língua e as crianças tem dificuldade em aprender o Português”.

10. Agricultura.

“São poucos os índios da re-

serva que cultivam plantas, dentre elas são cultivadas basicamente três produtos: o milho, o feijão e a mandioca. São cultivados somente para consumo próprio, sem intenção de vender. Os mesmos plantam em condições naturais, sem usar de implementos (adubos, fertilizantes, arado, etc.), somente a ajuda da enxada, não usam adubos porque em terras altas como as da reserva, as águas da chuva carregariam o adubo, isto é, o adubo iria correr para o rio ou lugares desnecessários. O adubo que os índios usam é o adubo natural (o estrume, palha seca, etc).

Cada família tem o seu trecho de terra e cultivam sozinhos as suas culturas.

11. Pecuária.

“São poucos os índios que tem condições de criar uma minifazenda, criam gado para o consumo de leite; suínos e galinhas para obterem carne e ovos.

A criação é muito rudimentar, sem maiores recursos e há muita falta de interesse por parte dos índios”.

12. Extrativismo

“A madeira existente na reserva é de boa qualidade, a FUNAI permite aos índios tirarem a madeira para arrecadar fundos para a reserva somente e para eventos que favoreçam aos índios.

O palmito está praticamente em fase de renovação de safra portanto este tem recurso, dizem os índios que o usam como consumo próprio. A pesca é muito usada, tendo várias qualidades e quantidades (de peixe). A banana também se destaca e apresenta-se em quantidade grande, onde os índios

encontram vitamina para sua alimentação.

Os índios ainda usam a madeira para fazer palanques e

lenha; a FUNAI permite que vendam para que eles possam comprar roupas, calçados, alimentos e utensílios domésticos.

Cumprimentos pela reabertura do Museu

A reabertura do Museu da Família Colonial, cuja solenidade ocorreu no dia 11 de julho passado, tem tido compensadora ressonância não só na comunidade blumenauense mas também por parte de visitantes turistas que têm comparecido em bom número de pessoas àquela casa histórica. Além dos que têm comparecido após a reabertura, assim como as numerosas pessoas que prestigiaram o ato no dia 11 de julho, temos recebido cumprimentos de pessoas residentes nos mais diversos lugares do país.

A gradecendo a todos os que, de uma ou de outra forma têm prestigiado o acontecimento, vamos relacionar, a seguir, os nomes dos que, através de telegrama ou carta, manifestaram sua solidariedade ao acontecimento, formulando votos de sucesso ao museu recém-reaberto, à visitação pública:

Miguel Meira de Vasconcelos, de Recife, Pernambuco; Hella Altenburg, de Blumenau; Luiz Antonio Ewbank, do Rio de Janeiro; Pedro Prosdócimo, de Curitiba; Albino Nesti, de Campinas, São Paulo; Deputado Cláudio Avila da Silva, prefeito de Florianópolis; Mitsi W. Taylor, de Florianópolis; Lilian Barreto, diretora do Museu da República, Rio de Janeiro; Heinrich Gehle, prefeito de Wunstoff, Alemanha; Odilon Nogueira de Matos, de Campinas, São Paulo; Fundação Nacional Pró-Memória, de Petrópolis, Estado do Rio; Dom Carlos Schmitt, de Blumenau; Conjunto Educacional "Governador Celso Ramos", de Blumenau; Hans Prayon, de Blumenau; Cristina Dotta, de São Caetano do Sul, São Paulo; José Celso Bonafelli, prefeito Municipal de Brusque; Lauro Eduardo Bacca, de Blumenau; Vilarino Wolff, de Blumenau; Rosamaria Coimbra Leite Costa, diretora do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; Rogério Alexandre Passos, de Florianópolis; Dirce Brach, do Rio de Janeiro; Werner Heusi, de Vila Mariana, São Paulo; Luiz Inácio Medeiros, diretor do Museu Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.
--

A 1ª. Festa do Imigrante Alemão repercute na Europa

Cartas e telegramas foram recebidos pelo prefeito Dalto dos Reis, procedentes da República Federal da Alemanha e da República Democrática Alemã

Em resposta ao convite que lhes foi dirigido, diversos setores dos círculos político-administrativos da RFA e a DDR, enviaram cartas ou telegramas ao prefeito de Blumenau por ocasião da realização da 1ª. Festa do Imigrante Alemão, acontecida de 23 a 29 de julho passado, numa demonstração de respeito ao trabalho de recuperação da vida comunitária blumenauense após as enchentes de 1983 e externando votos de contínuo progresso, a recuperação do desenvolvimento e um futuro de paz e tranquilidade para Blumenau. Eis a relação dos que cumprimentam Blumenau através do Chefe do Executivo por ocasião daquele importante evento que marcou um registro especial no êxito previsto:

A. — República Federal da Alemanha

1. — Bundespraesident **Richard von Weizsaecker**
Presidente da República Federal da Alemanha.
2. — Ministerpraesident **Dr. h. c. Lothar Spaeth**
Governador do Estado de Baden-Wuerttemberg.



Não podendo comparecer à "1ª. Festa do Imigrante Alemão", o Governador da Baviera, Sr. Franz Josef Strauss, enviou à prefeitura de Blumenau uma foto sua, autografada, com os dizeres:

À cidade de Blumenau e seu povo, pela realização da "1ª. Festa do Imigrante Alemão, com a amizade fraterna de F. J. Strauss, Governador da Baviera".

3. — Ministerpraesident **Franz Josef Strauss**
Governador do Estado da Baviera.
4. — Oberstadtdirektor **Prof. Dr. Peter Lamberg**
Prefeito Administrativo de Wolfsburg (sede mundial da Volkswagen).

5. — Oberbuergemeister **Manfred Rommel**
Prefeito de Stuttgart. (Filho do Marechal Rommel).
 6. — Oberbuergemeister **Rolf Gerich**
Prefeito de Weingarten.
 7. — Buergermeister **Dr. von Dohnanyi**
Prefeito de Hamburgo.
 8. — Oberbuergemeister **Dr. Hans Daniels**
Prefeito de Bonn (Capital da RFA)
 9. — Oberbuergemeister **Reinhold Zundel**
Prefeito de Heidelberg.
 10. — Oberstadtdirektor **Dr. Joachim Koerner**
Prefeito Administrativo de Braunschweig
 11. — Oberbuergemeister **Norbert Burger**
Prefeito de Koeln (Colônia)
 12. — Buergermeister i.R. **Erwin Hasenzahl**
Ex-Prefeito de Michelstadt
 13. — Oberbuergemeister **Karl Heinz Luckhardt**
Prefeito de Kiel
 14. — Buergermeister **Wilhelm Wegener**
Prefeito da pequena Blumenau/alemã.
 15. — **August Seegers**
Botânico da Blumenau/alemã
 16. — **Hermann Suessegger** — de Weingarten
(Professor GERMANO)
 17. — **Otto Lapp** — de Wunstorf
Presidente do Clube Filatélico.
 18. — **Heinrich Gehle** — de Wunstorf
Comandante do Corpo de Bombeiros.
 19. — **Roland Plumenau** de Duesseldorf
(sobrinho-neto do Dr. Blumenau)
 20. — Ministerpraesident **Dr. Vogel**
Governador do Estado de Rheinland-Pfalz.
 21. — **Theodor Geus** de Frankfurt
Redator do jornal "Frankfurter Allgemeine".
 22. — **Rembert von Samsen** — de Muenchen
da revista EUNTE (editora BURDA)
- B. — República Democrática Alemã**
1. — **Buergermeister Wiggermann** de Hasselfelde (Harz)
Prefeito da cidade natal do Dr. H. Blumenau.
 2. — **Gerald Goetting** — Berlin
Presidente da "Liga para a Amizade entre os Povos".
 3. — **Prof. Hans-Peter Minetti** — Berlin
Presidente da "Sociedade Nova Pátria".
 4. — **Erich Wischnewski** — Berlin
Secretário da "Sociedade Cultural Nova Pátria".
 5. — **Achim Busch** de Leipzig
Virtuoso Instrumental da Orquestra de Leipzig "Gewandhausorchester".

Lista elaborada por:

Alfredo Wilhelm — 19.7.1984

A História de Blumenau revela:

Carta do Dr. Blumenau p/ o Presidente da Província de SC, Vicente Pires de Motta, incluindo petição de Guilherme Meyer p/ tomar posse das terras devolutas na região de Itoupava, fazendo ainda outros comentários sobre as referidas terras.

“Ilmo. e Exmo. Sr.

Tenho a honra de apresentar à V^a. Ex^a. a inclusa petição de Guilherme Meyer e ousando o respeitoso pedido, V^a. Ex^a. queira deferi-lo favoravelmente, rogo licença, para acompanhá-la com alguns esclarecimentos especiais.

No ano de 1860 vários colonos requereram à Presidência, terras no ribeirão da Itoupava. A qualidade destas terras, se pertencentes ao território privativo desta colônia ou propriamente ditas devolutas ou enfim particulares, não era ou parecia então inteiramente clara e líquida mas tendo a Presidência já concedida a compra de algumas parcelas delas a diferentes colonos, pedi no mes de novembro de 1860 ao Exmo.Sr.Dr. Brusque, então presidente, que permita também aos últimos três requerentes, Guilherme Meyer, Franz Faust e Gustavo Zimmermann, para tomarem provisoriamente posse e assim ainda aproveitarem a estação própria para o princípio dos seus trabalhos, até que a questão sobre a verdadeira qualidade, acima mencionada, fosse definitivamente decidida e os requerentes possam realizar a pretendida compra.

Tendo eu recebido de S.Ex^a. a resposta verbal, de que conquanto tal expediente não era permitido por lei, todavia não havia inconveniente em tolerá-lo no presente caso, e assim o participado aos interessados, só Guilherme

Meyer se aproveitou de tal permissão e principiou os seus trabalhos imediatamente e quase no mesmo tempo como o Schadrach, sobre quem ultimamente referi à V^a.Ex^a. Desde então, Dezembro de 1860, aquele colono morou efetiva e trabalhou assiduamente na parcela, que havia requerido; entretanto que os outros dois requerentes não se aproveitaram da licença concedida, provavelmente porque queriam especular, mas não trabalhar.

Enquanto porém não for por um ato definitivo da Presidência a questão, destas terras de realmente serem públicas, julguei do meu dever, desaconselhar ao referido Meyer, que fazia maiores despesas com a medição de sua parcela; mas como breve me foi participado, que Schadrach, e outros, que se acham nas mesmas circunstâncias, como Meyer, pediram fosse pela presidência concedido ou expedido o definido título de compra e propriedade, e este ato fez cessar quaisquer dúvidas, instei em que o dito colono desde logo procedesse a devida medição e demarcação e pagasse o devido preço depois da verificação da medição. E cumprindo ele imediatamente com esta obrigação, hoje se apresentar à V^a.Ex^a. com inclusa petição.

O preço desta parcela não foi ainda arbitrado pela Tesouraria, quanto me consta; mas as havida-se (sic) na mesma locali-

dade como as de Sasse e Eisemann e Schadrach, e sendo estas arbitradas a 2 réis pela braça quadrada, parece equitativo, que também aquela parcela seja optativo o mesmo preço.

Deve ainda lembrar, que fui incubido por aviso da Presidência de 23 de março de 1861, de deferir os três requerimentos, acima mencionados, como for conveniente, vis:o estarem compreendidos os terrenos em questão dentro dos limites desta colônia. A incorporação definitiva dos mesmos terrenos no território da colônia porém, não teve lugar senão por caso de 18 do mesmo mês, entretanto que o suplicante Meyer, já tomou posse e se estabeleceu no mês de Dezembro antecedente em conformidade da respectiva licença, que eu lhe havia dado segundo a permissão da Presidência.

Ouso pois proferir a opinião de que era justo e equitativo, se este honrado e laborioso colono a respeito da sua parcela de terras ficasse tratado do mesmo modo e gozasse das mesmas vanta-

gens como o especulante Schadrach, que astutamente soube alcançar o definitivo titulo de comprar a propriedade sobre uma enorme superfície, em que nunca morou, e provavelmente jamais há de morar.

Mas V^a. Ex^a., decidirá, como melhor julgar.

Tenho ainda a lembrar, que de Março do ano próximo passado em diante não foram mais vendidas terras no ribeirão da Itouçava, porque desde então foram sujeitas à regras, estabelecidas para esta colônia e a colonização foi dirigida para o Rio do Teste com direção para a Colônia D. Francisca e a Serra Geral.

Deus guarde à V^a. Ex^a. —
Colônia Blumenau, 05 de junho
de 1862.

Ilmo. e Exmo. Sr.
Conselheiro Vicente Pires da
Motta

D. D. Presidente da Provincia
etc, etc, etc.

O Diretor
Dr. H. Blumenau".

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A Imperial Estrada Dona Francisca

(Arquivo Histórico de Joinville)

Elly Herkenhoff

O ano de 1858, marca o início de uma fase decisiva na história do desenvolvimento econômico, social, político e cultural, não apenas de Joinville, mas de toda uma vasta região que abrange o norte catarinense, desde o Litoral ao Planalto — até mesmo a sua hinterlândia — e grande área do sul da então província do Paraná.

Em março daquele ano se iniciaram aqui, na colônia Dona Francisca, as obras do traçado — definitivo e irreversível — da Estrada da Serra ou Estrada Dona Francisca, conforme foi mais tarde denominada.

O plano para a construção de uma estrada partindo de Joinville em direção ao Planalto, nasceu com a chegada dos primeiros colonizadores, antes mesmo de 9 de março de 1851. E as primeiras tentativas concretas para rasgar a floresta virgem e atingir os "montes azuis", datam de 1852, quando o agrimensor Carl Pabst, incumbido pela Direção da Colônia, penetrou além da picada então já existente do "Mittelweg" (Caminho do Meio, hoje Rua 15 de Novembro) — enquanto outra via estava sendo aberta sob direção de Léonce Aubé, procurador do Príncipe de Joinville, partindo, não da área da Colônia, mas sim das terras então pertencentes ao Príncipe, na margem oposta do Rio Cachoeira.

É preciso não esquecer que a antiga colônia Dona Francisca foi

fundada em terras cedidas pelo Príncipe à Sociedade Colonizadora de Hamburgo, para a instalação de uma colônia — limítrofe portanto, das propriedades do príncipe francês.

Um dos nossos primeiros cronistas, o Capitão Theodor Rodowicz-Oswiecimski que aqui viveu durante um ano, até junho de 1852, e que após o seu regresso à Alemanha, em 1853, publicou a preciosíssima obra "Die Kolonie Dona Francisca in Südbrasilien" (A Colônia Dona Francisca no Brasil Meridional), discorre, à página 76 do texto, sobre as dificuldades então existentes devido à falta de estradas, acrescentando:

"Seriam bem diversas as perspectivas, se houvesse boas estradas para o interior, estradas por onde pudessem ser transportados mais os produtos para a Colônia, a fim de aqui serem armazenados e comercializados. Por este motivo, já se pensou seriamente na construção de uma estrada partindo da Colônia em direção a Curitiba. Os trabalhos preliminares já foram iniciados pelo procurador do Príncipe, assim como várias concessões foram feitas por parte do governo provincial, para facilitar a obra. O traçado está sendo aberto na margem esquerda do rio Cachoeira, e continuará, atravessando o Cubatão Grande, o Cubatão Pequeno e Pirabeiraba, até Três Barras, de onde já parte

um caminho em direção a Curitiba.

No entanto, é duvidoso que a Colônia possa alcançar a importância pretendida, mesmo com uma estrada realmente bem construída, uma vez que já existe a ligação entre Curitiba e o porto de Paranaguá, e não será fácil entrar em concorrência com aquele porto, que dispõe de amplo comércio. Mas, embora todas as esperanças da Colônia não possam ser concretizadas com a construção de boas estradas para o interior, ela será bastante beneficiada com o trânsito muito facilitado de animais de corte, constituindo-se assim o início dado pelo procurador de Sua Alteza Real, num fato promissor. A estrada terá a extensão de 15.000 braças até Três Barras...

E o embaixador suíço, Barão Jacob von Tschudi, que visitou Joinville em 1861 a convite do Governo Imperial, escreveu em sua grande obra intitulada "Reisen durch Südamerika" (Viagens pela América do Sul), à página 358 do volume III, dedicado ao Brasil:

"A estrada da Serra, construída pelo Governo e que deverá ligar o Planalto da província do Paraná a esta parte da província de Santa Catarina, é de importância vital para Dona Francisca. O traçado vai da Colônia em direção Noroeste, encontrando a Serra do Mar. Eu a visitei várias vezes, em boa e numerosa companhia, no trecho já concluído àquela época, na confluência dos rios da Prata e Cubatão, onde o Príncipe

possui uma serraria. O projeto inicial, previa um traçado bem mais ao Sul. No entanto, o Diretor da Colônia e procurador do Príncipe, conseguiu fazer com que fosse desviado, de modo a sair das terras da Sociedade Colonizadora pela reta mais curta e alcançar as terras pertencentes ao Príncipe. É de duvidar que tal modificação tenha sido feita nos reais interesses da Colônia. O fato é que o Príncipe tenciona aforrar as suas terras — não vendê-las, mas apenas distribuí-las por aforamento aos colonos..."

E Carlos Ficker, autor da "História de Joinville", abordando a mesma questão, à página 143 de sua obra, confirma:

"Existia — e podemos provar o fato com outros documentos — uma certa rivalidade entre o empreendimento colonial de Hamburgo e a administração dos bens de sua Alteza Real, o Príncipe de Joinville, na pessoa de Léonce Aubé..."

Mas, em 1858, quando Léonce Aubé, além de procurador do Príncipe, exercia as funções de Diretor da Colônia, chegou-se a um entendimento, estabelecendo-se um traçado diferente dos anteriores para a monumental obra, então financiada pelo Governo Imperial.

"Os dois empreendimentos", diz Carlos Ficker à página 142 de sua obra, "um separado do outro e financiados de um lado pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo e do outro lado pelo Governo Imperial, culminaram com a fu-

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

são dos interesses da Colônia e dos interesses particulares de Léonce Aubé, com o início das obras da Estrada Dona Francisca, em 8 de março de 1858. Esse terceiro traço, completamente diferente dos anteriores e com subida ao planalto no vale do Rio Seco, deve-se às explorações incansáveis do engenheiro August Wunderwald, que em 1853 assumira o cargo de geômetra e agrimensor na Direção da Colônia.

O picadão construído por Léonce Aubé nunca resolveu o problema de fácil comunicação com o Planalto, pois a Estrada de Três Barras nunca passara, não obstante os esforços da Presidência da Província, de um caminho péssimo, em que as cargas nos trechos da Serra, eram conduzidos às costas pelos tropeiros. Assim, essa estrada somente poucos anos serviu às necessidades da Colônia. Resolveu o Governo Imperial, em 1854, o financiamento de nova estrada, subvencionando a construção com dois contos de réis, com supervisão de um engenheiro brasileiro.

Mostraram as primeiras explorações em direção Oeste, feitas por Carl Pabst e August Wunderwald, serem verdadeiras odisséias e penosíssimas as explorações através das florestas serradas e serras íngremes, dada a impossibilidade da subida ao planalto nas encostas verticais da Serra Geral nessa direção.

Começaram, assim, as primeiras penetrações em direção Noroeste, subindo o vale do Rio Cubatão, aproveitando o primeiro trecho da então já terminada picada de Aubé. Finalmente, em fins de 1954, August Wunderwald

encontrou a subida definitiva no vale do Rio Seco, pequeno afluente do Rio Cubatão. A construção da Estrada Dona Francisca, em direção ao Rio Negro, com a extensão de 156 quilômetros, vencendo os obstáculos da Serra Geral, levou quase 30 anos, custou aos cofres do Governo Imperial, mais de 600 contos de Réis e foi motivo de agitados acontecimentos e divergências entre a Colônia e o Governo por motivos financeiros, políticos e técnicos durante quase meio século. A célebre "Questão de Limites" entre as províncias e depois Estudos de Santa Catarina e Paraná, foi consequência direta da construção dessa Estrada".

E, com o início das obras, um clima de euforia apoderou-se de toda a Colônia. Além das perspectivas que se abriram para o futuro, as obras significavam maiores possibilidades de trabalho com salário compensador, para um grande número de imigrantes, artífices das mais variadas especialidades ou trabalhadores braçais ou ainda lavradores estabelecidos ao longo dos caminhos já existentes na Colônia, lavradores que, diante da oferta tentadora, abandonavam, temporariamente, o sítio, deixando-o aos cuidados da mulher e dos filhos menores. Deste modo, a construção da Estrada da Serra foi, durante anos, durante décadas, o ganha-pão de milhares de imigrantes e filhos de imigrantes, apesar das freqüentes e prolongadas interrupções das obras, por falta de verba, no decorrer do tempo. Conforme o depoimento de Josef Zipperer, um dos pioneiros da Colônia São Bento, fundada em 1873, o ganho diá-

rio era de Rs. 1\$200. "Durante dois dias, nós, os imigrantes, tivemos alimentação gratuita", diz Josef Zipperer, relatando a chegada do seu grupo a Joinville, em setembro daquele ano. "Mas, em seguida foi preciso procurar trabalho para os homens e ganhar dinheiro, enquanto as mulheres e as crianças ainda permaneciam no galpão dos imigrantes. No quilômetro 33 da Estrada da Serra em construção, encontramos o trabalho desejado, como operários, ganhando R\$.1\$200 por dia..."

Um comentário no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), de 19 de março de 1870, diz da ansiedade de toda a população em face do deplorável estado de coisas:

"...Esperávamos que as obras da Estrada da Serra — imprescindível para o nosso intercâmbio com o Planalto — continuassem em ritmo acelerado e no entanto a construção foi completamente paralisada e até mesmo os consertos, tão necessários foram abandonados. A estrada nunca esteve tão arruinada, como agora. Muitas pontes danificadas, grandes buracos em muitos lugares, e na continuação do traçado, não há quem consiga passar. Tropas de mulas, descendo ou subindo, tiveram de voltar, porque o trecho entre o Alto da Serra e a Encruzilhada, tornou-se, por assim dizer, intransitável. A pavimentação de troncos, recentemente aplicada, de nada adiantou,

mas ao contrário, ainda piora o mal porque os troncos são curtos demais, e quando pisados de mal jeito pelas mulas, saltam para cima batendo contra o corpo dos animais. Estamos sempre na expectativa de melhora da atual situação, mas parece que até que se pretende deixar a estrada paralisada. E no entanto, ela é tão importante — não apenas para Dona Francisca, mas também para a população ao longo da margem esquerda do Rio Negro! Ainda bem recentemente, por iniciativa do Capitão Pinto, de Campo Novo, uma petição foi dirigida ao Governo, requerendo o reinício imediato das obras. Igualmente estão na expectativa, os comerciantes Rosa Ribeiro e outras firmas de São Francisco, que já mandaram vir a aparelhagem para a instalação de um grande engenho de erva-mate na Encruzilhada. Tomara que — enfim — se leve em consideração os interesses desta parte da Província!..."

E no mesmo número, outra notícia:

"Com a paralisação total das obras públicas, é compreensível que os colonos mais pobres procurem fora o serviço de que precisam para o seu sustento. Mais de 100 dos nossos colonos já estão trabalhando na Estrada Graciosa, na Província do Paraná e pelo próximo vapor 30 operários robustos sairão daqui para a província de São Paulo, a fim de ali procurarem serviço na constru-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ção da estrada de ferro. Seria mil vezes preferível que esses trabalhadores empregassem as suas forças aqui, na Colônia!...”

Mas, já no número seguinte, dia 26 de março, o “Kolonie-Zeitung” noticiava euforicamente:

“Novas perspectivas! Com a volta do atual diretor das obras da Estrada da Serra, engenheiro Ignácio Magalhães, a situação por nós ventilada em nosso número anterior, se modificou bastante, uma vez que os trabalhos na estrada foram reiniciados e como — além dos 5 contos de réis trazidos — mais 60 contos foram concedidos por parte do Governo para o presente exercício, temos motivos para esperar que daqui para a frente as obras continuem sem interrupção, ainda mais que agora é desejo do Governo, estabelecer o ponto terminal — ou Rio Negro ou Curitiba...”

No entanto, uma notícia no “Kolonie-Zeitung” de 1.º de março de 1873, nos leva a concluir que as coisas continuavam não indo às mil maravilhas, apesar da euforia dos catarinenses diante dos 5 contos trazidos e dos 60 contos concedidos pelo Governo, para o exercício daquele ano de 1870...

O referido número do “Kolonie-Zeitung” reproduz um relatório publicado no ano anterior — em 1872 — pelo diretor das obras, engenheiro Eduardo José Moraes, com a finalidade de chamar a atenção do Governo sobre a importância da Estrada e da necessidade absoluta de aumento de verbas para a sua continuação. O engenheiro, muito elogiado pelo jornal, defendia o prolongamento da Estrada, de Joinville até a Lagoa de Saguauçu, com uma exten-

são total de 15 quilômetros, e lembrava que por Rio Negro passa a Estrada da Mata, que vem do Rio Grande e vai em direção a São Paulo...

Em 1873 a Sociedade Colonizadora de Hamburgo adquiriu uma grande área de terras à margem do arroio São Bento, com a finalidade de localizar imigrantes da Europa Central, os quais chegaram em setembro daquele ano.

Wolfgang Ammon, autor da “Crônica de São Bento”, editada em 1923, por ocasião do 50.º aniversário da cidade, escreve à página 124 o seguinte:

“Foi uma fatalidade para São Bento, não se ter seguido, quando da construção da estrada Dona Francisca, no trecho acima da Serra, o traçado aberto pelo engenheiro August Wunderwald, a qual atingia o núcleo pela estrada Bismarck e dali continuando pela estrada Rio Negro, corria em direção ao Rio Negro. A Estrada Rio Negro já recebeu este seu nome quando foi aberta pelo engenheiro, da Estrada da Serra. Por quaisquer razões — possivelmente em atenção às terras do Príncipe — modificou-se o traçado da estrada Dona Francisca, desviando-o para a direita com isso deixando o núcleo de São Bento vários quilômetros à margem da grande estrada. O tráfego entre o Paraná e Santa Catarina, enormemente acrescido após a conclusão da estrada, o intercâmbio de mercadorias entre o Plana'to e o Litoral até o porto marítimo, efetuava-se sem que ele, o núcleo, pudesse realmente participar, porque se localizava longe da estrada real...”

Em abril de 1874 o engenhei-

ro Eduardo J. de Moraes foi transferido para o Paraná e o "Kolonie-Zeitung" lamentando a sua partida, noticiava ao mesmo tempo a chegada do novo diretor

das obras, engenheiro Etienne Douat, que ficaria à testa da construção durante os seguintes seis anos.

Aconteceu...

MÊS DE JULHO DE 1984

DIA 3 — O vendaval ocorrido na cidade trouxe 15 milhões de prejuízos à municipalidade. No relatório enviado ao prefeito Dalto dos Reis o diretor-presidente da Cia. Urbanizadora de Blumenau, Luiz Procópio Gomes, informou a ocorrência de danos na fábrica de lajotas na ordem de 4 milhões de cruzeiros, enquanto que o Secretário da Saúde, Dr. Fernando Vianna, deu conta dos estragos em quatro centros sociais e na Casa São Simeão com prejuízos aproximados de 11 milhões de cruzeiros.

* *

DIA 6 — Foram entregues os prêmios aos vencedores do 5º. Concurso Fotográfico Meio Ambiente Catarinense. Sérgio Althoff, Valter Brueger e Ralf Strassburger, classificados em 1º. lugar, receberam 100 mil cruzeiros cada um. Carlos Castelo Branco, Evaldo Metnek e Joni de Araújo, classificados em 2º. lugar, 60 mil cruzeiros. Em terceiro lugar, nas categorias Natureza Preservada, Natureza Destruída e Foto-Caçada, respectivamente, Joni de Araújo, Nelson Schaeffer e Ivone Schaeffer, que receberão prêmios no valor de 30 mil cruzeiros cada um.

* *

DIA 8 — Inauguração, pelo prefeito Dalto dos Reis, da Escola Reunida Municipal "Professora Júlia Strzalkowska, localizada na Rua Valério Hostins, próxima à Rua Antônio Zendron, no bairro Garcia.

* *

DIA 9 — Exatamente um ano depois da enchente de 83 a cidade recebeu mais uma ajuda da sociedade cultural "Nova Pátria", da República Democrática Alemã, que despachou no dia 1º. de junho três tendas de socorro de 5 por 5 metros. A correspondência enviada pela

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

Nova Pátria ao Prefeito Dalto dos Reis também anuncia o despacho de duas máquinas de costura destinada aos centros sociais.

* *

DIA 11 — Foi reaberto o Museu da Família Colonial, uma das cinco unidades culturais da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Na solenidade de abertura fizeram-se presentes várias autoridades municipais, entre elas o prefeito Dalto dos Reis; o diretor-presidente da empresa Tabacos Brasileiros, Sr. Gert Hofmann (empresa responsável pela completa restauração das duas casas que abrigam o Museu); Sr. Antônio Pedro Nunes, Secretário de Turismo; e o coordenador do Programa Nacional de Museus, dr. Rui Mourão (orientação na remontagem do Museu).

* *

DIA 12 — O relatório de atividades e ocorrências do Serviço de Trânsito dá conta que no mês de junho de 1984 foram registrados 274 acidentes na cidade, ou seja, 10 menos que no mês anterior. Apesar da redução de acidentes dois números permaneceram inalterados: duas vítimas fatais e 33 acidentes na Rua 7 de Setembro, que voltou a ser a via pública com maior número de ocorrências.

* *

DIA 13 — Por iniciativa do prefeito Dalto dos Reis as igrejas sediadas em Blumenau realizaram neste dia um culto ecumênico em ação de graças por ter a população blumenauense sobrevivido e recuperado-se ao desafio das enchentes do ano passado. Explicou o prefeito de Blumenau que o ato, ao contrário de idéias de comemoração, teve como objetivo o agradecimento a todos aqueles (blumenauenses, catarinenses, brasileiros e estrangeiros) que engajaram-se na luta pela recuperação de Blumenau.

* *

DIA 19 — Numa promoção do Departamento de Cultura da Prefeitura foi inaugurada uma exposição com fotografias das cheias do ano passado, intitulada "JULHO 83 — Triste mas necessária lembrança". A mostra constou de 107 trabalhos dos fotógrafos Sílvio Nascimento, Pereira Santos, Hélio Testoni, Curt Bosse, Diether Sievert, Edson Wruch, Gelásio Hanshel e Renato Locatelli. A exposição contou com o apoio do Arquivo Histórico Municipal e Museu de Ecologia Fritz Mueller.

* *

DIA 20 — Teve início neste dia a "1ª. Festa do Imigrante Alemão" promovida pela Prefeitura de Blumenau. Na Proeb, no bairro

da Velha, apresentar-se-ão grupos folclóricos, exposição de carros antigos, exposição e venda de produtos artesanais e culinários da região, feira-livre e outras atrações relacionadas à história de Blumenau desde a vinda dos primeiros imigrantes.

* *

DIA 20 — Foi aberta ao público, no Terminal Rodoviário Hercílio Deeke, a exposição "Óleos e Relevos" dos artistas plásticos Sinira Pruner e Alvacir Scharff. A mostra é uma promoção da Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Turismo, SETERB e departamento de Cultura da Prefeitura.

* *

DIA 25 — A Secretaria de Obras e Serviços Urbanos da Prefeitura iniciou a recuperação da Praça Juscelino Kubitchek ("Prainha"), localizada no bairro Ponta Aguda. Ao visitar o local o prefeito explicou que ali será construída não apenas uma praça, mas também um centro de lazer com inúmeras opções, como "play-ground", pistas de bicross e quadras de vôlei e fuivôlei.

* *

DIA 27 — Chegou a Blumenau o Ministro do Interior da Alemanha, Dietmar Schlee, acompanhado da esposa e do seu assessor de imprensa. De sua programação constou a inauguração simbólica e entrega da Rua Stuttgart ao tráfego, como parte dos festejos da "Semana do Imigrante", organizada pela Secretaria de Turismo do Município.

* *

DIA 31 — Informações da Secretaria de Turismo dão conta de que pelo menos 30 mil pessoas visitaram o parque de exposições da Proeb nos dez dias que durou a "1ª. Festa do Imigrante Alemão". O movimento financeiro também foi considerado bom pelos organizadores que arrecadaram no comércio de artesanato e comidas típicas. Segundo Harold Letzow, diretor administrativo da Proeb, acredita-se que pelo menos três mil turistas, dez por cento do total de visitantes, estiveram na Proeb no período da "Festa do Imigrante Alemão" para conhecerem os usos, costumes, tradições e o folclore trazidos pelos nossos colonizadores há mais de um século e, na sua maioria, preservados até hoje.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA